LUZES DE PARIS E O FOGO DE CANUDOS:

UM ROMANCE POLIFÔNICO

Vera Moraes*

Leitora do romance *O mundo de Flora,* que estudei com meus alunos do curso de especialização em Investigação Literária, fui tomada por grande expectativa ao iniciar a leitura de *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* da escritora Angela Gutiérrez, integrando-me, pouco a pouco, à sedução e à densidade das estratégias de composição dessa instigante narrativa.

O romance, como espécie do gênero narrativo, vem alterando características temáticas e estruturais, desde seu surgimento, nos idos do século XIX, até os dias atuais da literatura pós-moderna. A linearidade de começo, meio e fim, que caracterizava o enredo tradicional, culminando com um desfecho catártico - seguindo os ensinamentos da *Arte Poética* de Aristóteles - tem sofrido mudanças, uma vez que o caminho a ser seguido pelo

---

*Vera Moraes é professora do Departamento de Literatura, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC e Diretora Cultural da Casa de José de Alencar.

leitor se dispersa, sem cessar, em direção a processos múltiplos, deixando-lhe a tarefa de encadear e de preencher lacunas – espaços brancos estabelecidos por um astuto narrador.

Atualmente, o romance configura-se como um produto híbrido da narrativa épica, do gênero dramático, da crônica jornalística, do memorialismo, do experimentalismo, dos diálogos entre História e Literatura, das influências de leituras do autor, do cruzamento da Literatura com outras artes – Música, Artes Plásticas, Cinema, etc - o que torna esse discurso essencialmente um discurso polifônico.

O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia. Trata-se de uma mudança radical da posição do autor em relação às pessoas representadas, que de pessoas coisificadas se transformam em individualidades

A polifonia se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço de romance, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes, vozes plenivalentes, todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo. Essas vozes e

consciências não são objeto do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos.A consciência da personagem é a consciência do outro, não se torna objeto da consciência do autor, não se fecha, está sempre aberta à interação com outras consciências e só nessa interação revela e mantém sua individualidade. As vozes possuem independência excepcional na estrutura da obra - é como se soassem ao lado da palavra do autor, combinando-se com ela e com as vozes de outras personagens. (BEZERRA: 2005, p. 191-200)

De imediato, o que me chamou atenção no romance *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* foi exatamente sua feição polifônica, construída por um eco de muitas vozes, vários espaços e momentos, diversas formas narrativas, embora a autora estabeleça um fio condutor através dos diários da protagonista Branca. Essas interferências diversas desfazem a versão tradicional do romance, uma vez que fragmentos da memória da narradora e de outros personagens se superpõem continuamente, proporcionando-nos uma composição narrativa pautada no "intervalo" – uma narrativa que se desdobra simultaneamente em diversos planos, às vezes sem nitidez, reconstituídos pelas sensíveis percepções do leitor.

O novo romance começa a se desenvolver a partir da década de 1960, assimilando diversas características do cinema novo, movimento surgido na

França, nos anos de 1950, que ficou conhecido como “nouvelle vague”. Cortes freqüentes, fragmentação de seqüências, simultaneidade de ações, câmera lenta, *close-up*, desfechos indefinidos, rarefação de diálogos - prevalecendo a voz do narrador - passam a constituir também nova linguagem do discurso literário, contextualizado por formações culturais e imaginárias de seus autores.

Como leitora de José de Alencar, é com imenso prazer que vejo ressurgir em *Luzes de Paris e o fogo de Canudos*, através do processo intertextual, figuras contrastantes como Branca e Morena, vozes femininas de personalidades marcantes, cada qual cumprindo seu destino. As irmãs de leite e de coração, unidas na incondicional amizade, vão amar e seguir o estrangeiro, “sem perguntar nem indagar”, como diria Machado de Assis, em crônica que fez louvando o romance *Iracema.* O licor da jurema, beberagem alucinógena que o cacique Araquém distribuía, à noite, entre seus guerreiros, para que tivessem bons sonhos e repousassem da labuta diária, vai ressurgir em Belo Monte, no episódio em que Morena seduz seu estrangeiro amado.

. Contrastante a vida dessas duas heroínas, como contrastante é o título do romance que simboliza a errância das duas mulheres, uma vez que Branca vai estudar na Europa – refinando sua educação na aprendizagem das línguas

francesa e inglesa – e Morena se envolve nas batalhas de Canudos. O foco narrativo flui entre diversos olhares, acentuando-se, na materialidade do livro, em diferentes tipos de fontes que permeiam a narrativa.

Como já observamos anteriormente, o livro é um entrelaçamento de variados e diferentes discursos, permeados por intensa correspondência que Branca mantém com seus familiares e amigos, especialmente com seu pai, mentor intelectual muito amado pela filha. O foco principal incide nas descobertas culturais pouco a pouco desvendadas pelas inocentes e sutis percepções estéticas da mocinha cujo estranhamento do olhar torna-se evidente ante o desvelamento de mundos insuspeitados. Na França e na Inglaterra, Branca vai forjando sua personalidade cosmopolita, alternando alegrias de descobertas com momentos de muita tristeza pelo prolongado afastamento de entes muito queridos. É o que podemos constatar na construção das páginas de seu diário:

London, April, 22, 1895.

Diário da minha solidão,

-Ai, nessa cidade quando começa a chover, o meu coração se confrange. Fog, chuvinha miúda, fog... Agasta-me o frio a fazer pendant com esse céu cinzento... Mas nada, nada me deu tanta tristeza como a tempestade de ontem.Tive vontade de me levantar e escrever em tuas páginas, my beloved diary. Talvez assim, a angústia de ver os raios riscando o céu negro amainasse um pouco.Mas temos ordens de não acender a luz à noite para não perturbar o sono das colegas. Sempre penso na injustiça desse dizer: dormir o sono dos justos. Serei injusta porque não durmo serenamente por toda a noite?Mamãe olha a Neném dormindo e sempre diz: dorme como um anjinho. Ontem à noite, lembrei, com uma estranha urgência, as noites de raio, relâmpago e trovoada em minha casa. Os longos corredores forrados de espelhos a refletirem os relâmpagos, a pressa dos criados em cobri-los com lençóis para que não atraíssem raios.

De menina, eu olhava, extasiada, os mal-assombrados corredores povoados de fantasmas esvoaçantes e acreditava em Deus. Somente Ele

me dava forças para vencer o medo. Desde essa época, sei que Deus existe e me quer a Seu serviço. Meu Senhor e Meu Deus.

Escuto a plácida respiração de Morena que dorme e, de repente, a voz de Senha Liduína, meio abafada pelos trovões, cantando o bendito de São Miguel, no santuário da casa, diante da imagem do anjo.

.....

Aqui ninguém se levantou para lutar contra a tempestade. E eu fiquei toda a noite pedindo a Deus que segurasse minha mão. My Lord, hold my hand... dentro de mim, sentia uma menina que imaginava a terrível luta entre os anjos do bem e do mal, Miguel e Lusbel. (p. 31-2)

Não é um livro para ser lido de um só fôlego. Até pode ser porque a história vai prendendo a atenção do leitor em direção a um final inesperado. Mas pausas são necessárias, no sentido de perceber a riqueza dos detalhes que a autora esmerou-se em distribuir, conferindo sentidos importantes à leitura. Tudo denuncia cuidadosa pesquisa: a seqüência das epígrafes que encadeiam as passagens do romance, as variadas ilustrações que se incorporam à simbologia do texto – como capas de livros, cartas manuscritas em delicados

papéis floridos, fotos de monumentos, personagens históricas, quadros famosos – todos esses elementos, enfim, apontam para o labor e o perfeccionismo do processo escritural de Angela Gutiérrez

Os aspectos apontados parecem sugerir que o romance *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* configura-se como uma obra unicamente artesanal e intelectual. Mero engano: basta conferir os diálogos plenos de emoção e de sensibilidade entre a filha e seu pai, marcados por grande amor e respeito mútuos. A curiosidade de Branca e sua pressa em entender o mundo, o anseio de conhecimento, manifestando-se em indagações contínuas e variadas, são aquietados por um pai paciente, compreensivo, dotado de muita sabedoria, guardião da saúde da esposa e da filha, que sonhava ser guerreira como Joana D'Arc, e acaba fragilizada por infeliz desenlace de um amor romântico.

O leitor ganhará um pequeno regalo, bem escondido nas páginas do livro: o cordel *Branca, Gentil Coração ou a Histora dos Amores de Branca e Morena Com Cavalheiros de França*, cujo autor, J. Sereno, despista a autoria da história. São sextilhas construídas por versos heptassílabos, sem refrão, em linguagem bem nordestina, referindo-se, essencialmente, aos amores das duas moças por rapazes franceses que (pura coincidência?) terminaram envolvidos em episódios cruentos de Canudos, gerando infelicidade nas histórias de amor

de Branca e de Morena, desencadeando, em conseqüência, desfechos diversamente dramáticos:

J. SERENO

Branca,

Gentil Coração

Ou

A Historia

Dos Amores

De Branca

E Morena Com

Cavalheiros

De França

M'ia senhora, meu senhô

Preste atenção à historia

Que eu agora vou lê contar.

S'assucedeu em tal hora

De amor e de encantamento

De guerra no mundo afora.

No tempo da seca grande

menina Branca nasceu.

Era linda, era Iaiá,

Era qual mimo do céu.

Mas sua mãe, sem leite, em pranto

Dizia: Branca feneceu.

Na casa do pai de Branca

U'a retirante chegou.

Do mesmo seio maternal

Que sua filha amamentou

Ofereceu seu bom leite

e Branca também mamou.

Olhando pras duas meninas

Cada uma mais bela flô

Uma clara outra morena,

A mãe de Branca calou.

Nessa hora sua mãe de leite:

Branca, Morena, falou.

Enfim, trata-se de um tecido narrativo multifacetado, plurissignificativo, muito bem urdido e costurado por uma autora *expert* nesse *métier,* anteriormente premiada com o belo romance *O mundo de Flora* (prêmio Estado do Ceará, 1990), apresentando incursões também bem sucedidas nas esferas do ensaio, da poesia, da crônica e do conto.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *A Poética clássica./* Aristóteles, Horácio, Longino. Por Roberto de Oliveira Brandão. Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.

BEZERRA, Paulo. "Polifonia". In: BRAIT, Beth (Org.). *BAKHTIN: Conceitos-Chave.*São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth (Org.). *BAKHTIN: Conceitos-Chave.* São Paulo: Contexto, 2005.

BRANCO, Lúcia Castelo. *O que é escrita feminina?* São Paulo: Brasiliense, 1991.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria.* Literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das Mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2006.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução.* São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GUTIÉRREZ, Angela. *Luzes de Paris e o Fogo de Canudos.* Fortaleza: Edições UFC, 2006.

LIMA, Luís Costa. "A Narrativa na Escrita da História e da Ficção". In: _____. *A aguarrás do tempo.* Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso.* Campinas: UNICAMP, 1992.

_____. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade.* São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MORAES, Vera Lucia Albuquerque de. *Entre Narciso e Eros: a construção do discurso amoroso em José de Alencar.* Fortaleza, Editora UFC, 2005.

ROLAND, Ana Maria. *Fronteiras da Palavra, Fronteiras da História.* Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

SILVERMAN, Malcolm. *Protesto e o novo romance brasileiro.* Trad. Carlos Araújo. Porto Alegre/São Carlos: Ed.Universidade UFRGS/Ed. Universidade de São Carlos, 1995.

RESUMO

O livro coloca em questão – a partir do título *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* - a trajetória de duas personagens, Branca e Morena, irmãs de leite e de coração, que são separadas na adolescência. Branca irá para a Europa, refinar seus estudos na França e na Inglaterra, enquanto Morena envolve-se em episódios da guerra de Canudos. O romance polifônico é perpassado pelo eco de muitas vozes através do memorialismo, da intertextualidade, das inúmeras correspondências e da construção do diário de Branca, que funciona como fio condutor da narrativa. O Novo Romance Brasileiro se presentifica nesse livro, dialogando com a História, o Jornalismo, o Memorialismo, a Literatura de Massa, a Sociologia, a Antropologia, a Política e as Artes.

Palavras-chave: Paris e Canudos, Polifonia, Novo Romance Brasileiro.

ABSTRACT

The book questions (issues) – starting from it´s own title *Lights of Paris and the fire opf Canudos* – the path followed by two characters, Branca and Morena, sisters by breastfeeding and by heart, who are separated in their adolescence. Branca goes to Europe, to improve her studies in France and in England, while Morena gets involved in the Canudos war. The polyphonic novel issues, here and there, the echo of many different voices, some inherent to memorialism, some to intertextuality and the construction of Branca´s diary, that prevails as a streamline for the narrative. The Brazilian New Romance is present in this book, dialoguing with History, Journalism, Mass Literature, Sociology, Anthropology, Politics (Political Sciences) and Arts in general.

Key words: Paris and Canudos, Polyphony, Brazilian New Romance.